

EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA JUNGUIANA: A PERSPECTIVA ARQUETÍPICA NA DINÂMICA PROFESSOR-ALUNO

Francisca Verlênia Silva Lima ¹

Clarice Santiago Silveira ²

RESUMO

O estudo "Educação e Psicologia Junguiana: A Perspectiva Arquetípica na Dinâmica Professor-Aluno" explora a relação entre educação e psicologia analítica, destacando a importância dos arquétipos de Carl Gustav Jung nas interações entre professores e alunos. O trabalho objetiva analisar a aplicação dos princípios da psicologia analítica no contexto educacional, enfatizando a relevância dos arquétipos do *puer* e do *senex* nas relações entre professor-aluno. Utilizou-se de uma abordagem qualitativa (Minayo, 2009), fundamentada na pesquisa bibliográfica (Gil, 2002). Foram analisadas obras clássicas de Jung (1998, 2009, 2014), além de escritos complementares de autores como Saiani (2000), Freire (1996), Hillman (1999) e Von Franz (2008). A fundamentação aprofunda a compreensão dos arquétipos do *puer* e do *senex* são destacados como representações emblemáticas da curiosidade inata do aluno e da sabedoria acumulada do professor, respectivamente. Os principais resultados apontam que o equilíbrio entre esses papéis enriquece o processo de ensino-aprendizagem, criando um ambiente propício à curiosidade e criatividade dos alunos, ao mesmo tempo que valoriza a sabedoria e experiência dos professores. Essa inter-relação é fundamental para a construção da identidade e autonomia dos estudantes, evidenciando a importância de integrar aspectos psicológicos na formação docente e no cotidiano escolar. Ao final, conclui-se que a aplicação dos arquétipos junguianos pode transformar a prática pedagógica, promovendo uma educação mais humanizada que apoie a formação integral dos alunos.

Palavras-chave: Educação, Psicologia Junguiana, Relação Professor-Aluno.

INTRODUÇÃO

A relação entre educação e psicologia tem sido amplamente estudada, e a psicologia junguiana, em particular, oferece uma perspectiva valiosa sobre as dinâmicas da interação professor-aluno. Este trabalho investiga como as estruturas arquetípicas, fundamentadas na teoria de Carl Gustav Jung, influenciam e moldam a experiência educacional.

O conceito de arquétipo, que representa padrões universais de comportamento e pensamento, se manifesta nas interações em sala de aula, onde professores e alunos atuam

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia do Instituto Federal do Ceará *campus* Canindé (IFCE), verlenialima@gmail.com.

² Mestra em Educação. Docente do Instituto Federal do Ceará *campus* Canindé (IFCE), clarice.silveira@ifce.edu.br .

não apenas como indivíduos, mas também como representações de tipos psicológicos coletivos.

O estudo objetiva analisar a aplicação dos princípios da psicologia analítica no contexto educacional, enfatizando a relevância dos arquétipos do *puer* e do *senex* nas relações entre professor-aluno. O trabalho é justificado pela necessidade de compreender como os conceitos junguianos podem contribuir com a prática educativa, promovendo uma integração dos aspectos psicológicos no processo pedagógico.

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, fundamentada em pesquisa bibliográfica, reconhecendo que as relações, fenômenos e processos eram essenciais na realidade social (Minayo, 2009). A pesquisa bibliográfica envolveu a leitura e análise de materiais já elaborados, como livros e artigos científicos (Gil, 2002). A fundamentação foi baseada em obras clássicas de Jung (1998, 2009, 2014), além de textos complementares de Saiani (2000), Freire (1996), Hillman (1999) e Von Franz (2008), que ajudaram a aprofundar a compreensão das dinâmicas arquetípicas na educação.

As discussões a seguir revelam que, ao equilibrar os papéis dos arquétipos *puer* e *senex*, é possível criar um espaço educacional que favoreça tanto a curiosidade e criatividade dos alunos quanto a sabedoria e experiência dos professores. Os resultados indicam que essa inter-relação enriquece o processo de ensino-aprendizagem e contribui para a construção da identidade e autonomia dos estudantes.

METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, fundamentada em uma pesquisa bibliográfica. De acordo com Minayo (2009), a pesquisa qualitativa reconhece que as relações, fenômenos e processos são aspectos fundamentais da realidade social. O ser humano se distingue não apenas por suas ações, mas também por sua capacidade de refletir sobre elas e interpretá-las à luz da realidade compartilhada com os outros.

Assim, a produção humana pode ser vista como um universo de relações, representações e intencionalidade, sendo este o foco da pesquisa qualitativa, que frequentemente não pode ser expresso em termos numéricos ou indicadores quantitativos.

Complementando essa perspectiva, Gil (2002) define a pesquisa bibliográfica como a leitura, análise e interpretação de material impresso, que inclui livros, documentos mimeografados ou fotocopiados, periódicos, imagens, manuscritos, mapas, entre outros. Ele esclarece que:

[...] que a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem a uma análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvida quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas (Gil, 2002, p. 44).

Para a fundamentação, foram selecionadas obras clássicas de Jung, incluindo "O Desenvolvimento da Personalidade", "Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo" e "A Natureza da Psique". Além disso, foram considerados textos complementares como a investigação de Saiani (2000) sobre a relação professor-aluno, a partir da obra "Jung e a Educação: uma análise da relação professor/aluno", de Freire (1996), com a obra "Pedagogia da Autonomia" em que discute sobre a intencionalidade pedagógica e prática educativa. Também foram incluídos o psicólogo Hillman (1999), que discute a psicologia arquetípica e de Von Franz (2008), psicoterapeuta analítica, importante pesquisadora sobre o conhecimento da psicologia junguiana.

REFERENCIAL TEÓRICO

A presente seção teórica está organizada em tópicos que abordam, inicialmente, as interseções entre a educação e a psicologia junguiana, seguida pela análise da perspectiva arquetípica na relação entre professor e aluno.

A Educação e a Psicologia Junguiana

A psicologia junguiana, desenvolvida pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, também conhecida como psicologia analítica, fundamenta-se na ideia de que o inconsciente se comunica com a consciência por meio de símbolos, sonhos e imagens arquetípicas. Para compreender a relevância desses conceitos no campo educacional, é fundamental explorar as contribuições de Jung em relação ao processo educativo.

Saiani (2000), ao analisar a relação professor-aluno sob a perspectiva junguiana, destaca, a partir de Jung (1998), três tipos principais de educação: a educação pelo exemplo, a educação coletiva consciente e a educação individual.

A educação pelo exemplo constitui uma das formas mais antigas e eficazes de aprendizado, fundamentando-se na observação e imitação de comportamentos. Nesse

processo, que ocorre de maneira espontânea e inconsciente, a criança incorpora atitudes e valores dos pais por meio de uma identificação psicológica profunda. Essa identificação, característica fundamental da psique primitiva, permite que esses valores se consolidem e formem a base do desenvolvimento educacional e moral do indivíduo (Jung, 1998).

Um exemplo claro dessa dinâmica pode ser observado em uma professora do 5º ano. Ao iniciar cada aula, ela organiza seu material de maneira calma e metódica, sem a necessidade de instruções explícitas. Os alunos, ao a observarem, começam a imitar seu comportamento, arrumando seus cadernos e mochilas antes do início das atividades.

Esse aprendizado silencioso e intuitivo evidencia o poder do exemplo na formação de hábitos e atitudes, demonstrando como a educação pelo exemplo se manifesta de forma prática no cotidiano escolar.

Por outro lado, a educação coletiva consciente refere-se às regras, métodos e princípios que são aplicados ao grupo como um todo. No ambiente escolar, isso se traduz em normas como horários de aula, prazos para entrega de trabalhos e diretrizes de convivência. Este tipo de educação visa à integração do aluno à coletividade, estruturando seu comportamento por meio de diretrizes gerais que são aplicadas a todos.

Em contraste, a educação individual foca nas particularidades de cada aluno, priorizando seu desenvolvimento pessoal. O professor, ao perceber que um aluno tem dificuldades em matemática, mas demonstra grande aptidão para as artes, pode adaptar suas estratégias pedagógicas. Em vez de seguir um caminho único, ele incentiva o aluno a explorar seu talento artístico, reconhecendo e valorizando suas individualidades.

Além dessas discussões, Jung (1998) enfatiza a importância do papel da escola no processo de desligamento do aluno em relação à família. Ele afirma que "nesta luta pela independência, a escola desempenha um papel muito importante por ser o primeiro ambiente que a criança encontra fora da família. Os companheiros substituem os irmãos, o professor, o pai, e a professora, a mãe" (Jung, 1998, p. 49).

Essa transição é fundamental, pois a escola se torna um novo espaço de socialização e aprendizado, onde a criança começa a construir sua identidade fora do contexto familiar.

Jung (1998) também enfatiza que o papel do professor transcende a mera transmissão de conteúdos. Para ele, "a tarefa do professor não consiste apenas em meter na cabeça das crianças certa quantidade de ensinamentos, mas também em influir sobre as crianças, em favor de sua personalidade total" (Jung, 1998, p. 49).

Nesse sentido, o docente atua como um guia, moldando não apenas o conhecimento acadêmico, mas também aspectos emocionais e sociais que são cruciais para o desenvolvimento integral do aluno.

Ao reconhecer a relevância dessa função, o professor pode cultivar um ambiente de aprendizado que valoriza a individualidade de cada criança, promovendo assim não apenas a aquisição de saberes, mas também o fortalecimento de sua identidade e autonomia.

Esse entendimento da escola e do professor na visão junguiana nos leva à importância de enxergar a educação não apenas como um processo de instrução formal, mas também como uma interação que molda a personalidade do aluno em múltiplos níveis. Essa abordagem nos convida a explorar como a relação entre professor e aluno se conecta com a dinâmica dos arquétipos, revelando a profundidade e a complexidade do processo educativo.

Ademais, Jung (1998) enfatiza que os pedagogos devem aprofundar seus conhecimentos em psicologia não apenas para sua formação teórica, mas principalmente para seu desenvolvimento pessoal. Ele ressalta a importância de os educadores estarem atentos ao seu próprio estado psíquico, uma vez que isso é fundamental para que consigam reconhecer e corrigir seus erros, especialmente quando enfrentam dificuldades no trabalho com as crianças que lhes são confiadas.

Jung observa que o pedagogo pode se tornar uma fonte de dificuldades para seus alunos se não estiver ciente de suas próprias questões emocionais. Ele afirma:

Tudo aquilo que quisermos mudar nas crianças, devemos primeiro examinar se não é algo que é melhor mudar em nós mesmos. [...] talvez estejamos entendendo mal a necessidade pedagógica, porque ela nos recorda, de modo incômodo, que de qualquer maneira somos crianças e precisamos muitíssimo de educação (Jung, 1998, p. 176).

Dessa forma, a psicologia junguiana oferece uma perspectiva abrangente e multifacetada da educação, ressaltando a importância de compreender tanto as dinâmicas de grupo quanto às singularidades de cada aluno, além de sublinhar a necessidade de autoavaliação e desenvolvimento pessoal por parte dos educadores. Essa perspectiva pode ser fundamental para a construção de um ambiente educativo mais consciente, empático e transformador.

A Perspectiva Arquetípica na Relação Professor-Aluno

A relação entre professor e aluno, dentro de qualquer prática educativa, carrega consigo uma profundidade que vai além da simples transmissão de conhecimento. Como destaca Freire (1996, p. 36), “toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina”.

Esse encontro entre ensinar e aprender não é apenas uma troca de conteúdos, mas um processo que envolve papéis e símbolos que revelam camadas mais profundas. Jung (2009) nos lembra que um símbolo não se limita ao que vemos na superfície, é uma imagem ou palavra cotidiana que carrega algo oculto e vasto, impossível de ser totalmente desvendado.

De acordo com Saiani (2000, p. 106), "a vivência de aprender e ensinar é arquetípica, de modo que não são simplesmente conteúdos pessoais que são projetados no professor". Assim, o ambiente educacional, com seus rituais e interações, torna-se o palco onde esses arquétipos se manifestam, criando um espaço dinâmico de transformação mútua.

Os arquétipos, segundo Jung (2009), são padrões universais de comportamento e símbolos que todos carregamos em nossa mente, mesmo sem estarmos conscientes disso. Eles fazem parte de algo chamado inconsciente coletivo, que é como uma camada profunda da nossa psique que herdamos da história da humanidade.

Esses arquétipos são modelos que influenciam como pensamos, sentimos e agimos. Por exemplo, figuras como o "herói", a "mãe" ou a "sombra" aparecem em mitos, histórias e sonhos, e refletem esses padrões que estão presentes em todos nós, independentemente de nossa cultura ou origem.

A relação entre professor e aluno pode ser entendida, à luz da psicologia analítica, como a clássica relação entre mestre e aprendiz. Nessa dinâmica, o professor-mestre estaria vinculado ao arquétipo do *senex*, representando a sabedoria e a experiência, enquanto o aluno-aprendiz se alinha ao arquétipo do *puer*, simbolizando a curiosidade, o potencial de crescimento e o espírito jovem.

A polaridade *senex* é composta principalmente pela figura do velho sábio. É a partir dessa imagem que Jung (2014) realiza uma interpretação, a qual pode ser representada por:

magos, médicos, sacerdotes, professores, catedráticos, avôs ou como qualquer outra pessoa que possuía autoridade (...) manifesta-se sempre em situações em que seriam necessárias intuição, compreensão, bom conselho, tomada de decisão e plano etc., que no entanto não podem ser produzidos pela própria pessoa (Jung, 2014, p. 216).

O arquétipo do *puer* é caracterizado por sua vitalidade, criatividade e desejo de explorar o mundo. Ele representa o impulso juvenil de aprender, questionar e transformar. Na figura do aluno, o *puer* manifesta a sede de conhecimento e a busca por novas experiências.

Quando o arquétipo *puer-senex* não está polarizado, o professor se envolve de forma dialógica e participativa no processo educativo, enquanto o aluno assume um papel ativo em seu próprio aprendizado. Dessa forma, a inter-relação e a integração entre esses dois polos do arquétipo permitem que a criatividade e a transformação, características do *puer*, se manifestem e sejam sustentadas pela sabedoria do *senex*.

Segundo Hilman (1999), os arquétipos *puer* e *senex* não devem ser considerados como entidades separadas, mas sim como um único conceito que representa a união entre a vitalidade da juventude e a sabedoria que vem com a maturidade. Essa relação se torna ainda mais interessante quando consideramos a observação de Von Franz (2008), que destaca que esses dois arquétipos se manifestam com polaridades tanto positivas quanto negativas, refletindo a complexidade das experiências humanas.

Todos nós temos esses dois aspectos dentro de nós, e buscar um equilíbrio entre essas polaridades é essencial. Em muitos momentos da vida, precisamos resgatar a criança que habita em nosso interior, pois isso nos ajuda a enfrentar as dificuldades e desafios que a vida nos impõe.

No entanto, essa busca deve ser feita com atenção, uma vez que o *puer* pode simbolizar criatividade e espontaneidade, mas também pode nos levar à imaturidade se não for moderado pela sabedoria do *senex*. Assim, não podemos permanecer nessa fase de inocência para sempre.

É fundamental crescer, evoluir e assumir as responsabilidades que a vida nos apresenta, integrando essa essência infantil com a sabedoria adquirida ao longo do tempo. Ao fazer isso, valorizamos as polaridades de ambos os arquétipos, cultivando uma vida mais rica e equilibrada, onde a vitalidade da juventude e a profundidade da maturidade coexistem em harmonia.

Em síntese, a relação entre professor e aluno, quando analisada sob a perspectiva dos arquétipos *puer* e *senex*, revela-se como um processo complexo e dinâmico. O professor, representando a sabedoria e a experiência, e o aluno, simbolizando a curiosidade e o potencial de aprendizado, devem buscar um equilíbrio entre essas polaridades.

Essa interação não apenas enriquece o aprendizado, mas também ajuda a moldar a identidade de ambos os envolvidos. Ao integrar a vitalidade da juventude com a sabedoria da maturidade, criamos um ambiente educacional mais profundo e transformador, onde o crescimento pessoal e acadêmico se fortalecem mutuamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da relação professor-aluno sob a ótica da psicologia junguiana revela a profundidade e a complexidade inerentes ao processo educativo, que vão além da mera transmissão de conteúdos. A compreensão dos arquétipos, conforme abordado por Jung (2009), torna-se fundamental para elucidar as dinâmicas que permeiam essa interação. A presença do arquétipo do *senex*, representando a sabedoria do professor, e do *puer*, simbolizando a curiosidade do aluno, estabelece um campo fértil para a construção de um ambiente educativo enriquecedor.

A educação pelo exemplo, conforme discutido, é uma manifestação clara dessa dinâmica. Ao observar uma professora que organiza seu material de maneira metódica, os alunos não apenas aprendem conteúdos, mas absorvem comportamentos e valores que moldam sua identidade. Essa assimilação, ocorrendo de forma espontânea e inconsciente, ilustra a eficácia da educação pelo exemplo como um meio de aprendizado e desenvolvimento (Saiani, 2000; Jung, 2008).

Além disso, a educação coletiva consciente, que se revela nas interações em grupo, integra os alunos à coletividade por meio de normas e diretrizes. Isso se alinha com a visão de Jung (1998) sobre a escola como um espaço de socialização, onde os estudantes começam a se desvincular de suas famílias e a construir suas identidades. Assim, a escola se torna um microcosmo da sociedade, permitindo que cada aluno enfrente desafios enquanto é valorizado por suas individualidades.

A abordagem individualizada, que reconhece as particularidades de cada aluno, destaca a importância da adaptação pedagógica. O professor, ao perceber as aptidões e dificuldades de seus alunos, assume o papel de guia que vai além da simples instrução. Ele se torna um mediador, possibilitando que o aluno explore seus talentos, o que se conecta ao que Jung (1998) descreve como a influência do professor na formação da personalidade total do aluno.

A relação professor-aluno é também marcada pela interação simbólica que, segundo Freire (1996), caracteriza todo processo educativo. Essa interação simbólica se

manifesta por meio dos arquétipos presentes na sala de aula, onde o professor pode atuar como um *senex*, transmitindo conhecimento e sabedoria, enquanto o aluno, na figura do *puer*, busca ativamente o aprendizado.

Essa dualidade, quando equilibrada, promove um ambiente de aprendizado que não apenas enriquece o conhecimento acadêmico, mas também favorece o desenvolvimento emocional e social dos envolvidos. Entretanto, é importante que os educadores se envolvam em um processo de autoavaliação contínua, como sugere Jung (1998).

O reconhecimento de suas próprias questões emocionais é essencial para evitar que se tornem barreiras ao aprendizado. Quando os professores não estão cientes de suas próprias dificuldades, podem projetar essas questões sobre os alunos, comprometendo a relação pedagógica. Portanto, a formação de professores deve incluir não apenas o desenvolvimento teórico, mas também a exploração de suas próprias dinâmicas psíquicas.

A riqueza da interação entre os arquétipos do *puer* e *senex* aponta para a necessidade de cultivar um ambiente onde a curiosidade e a criatividade do aluno sejam incentivadas pela sabedoria e experiência do professor. Essa relação, ao integrar a vitalidade da juventude com a profundidade da maturidade, resulta em um espaço educacional mais consciente e transformador, que promove o crescimento mútuo.

Em suma, a perspectiva arquetípica proposta pela psicologia junguiana oferece um entendimento profundo da dinâmica professor-aluno, revelando que a educação é um processo que molda a identidade e a personalidade de todos os envolvidos. A integração desses arquétipos, aliada à autoavaliação dos educadores, propicia um ambiente educativo que não apenas transmite conhecimento, mas também transforma vidas, contribuindo para o desenvolvimento integral de cada aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões sobre a relação entre professor e aluno, mediadas pela psicologia analítica, nos mostram que essa conexão vai muito além de um simples ato de ensinar e aprender. Quando refletimos sobre os arquétipos do *puer* e do *senex*, percebemos que cada um de nós carrega esses aspectos dentro de si.

O professor, ao se conectar com a sua própria curiosidade e capacidade de se surpreender, não apenas ensina, mas também aprende com seus alunos. Da mesma forma,

quando o aluno sente que seu professor é alguém que se importa e está disposto a ouvir, ele se sente mais encorajado a explorar e questionar.

Essa relação é um espaço de crescimento mútuo. O professor, ao assumir o papel de mentor, deve lembrar que cada aluno traz consigo uma história, uma trajetória única que deve ser valorizada. Quando os educadores reconhecem e respeitam essas individualidades, a sala de aula se transforma em um ambiente acolhedor e inspirador, onde todos podem se desenvolver.

Ao falar sobre a necessidade de mais pesquisas nesse campo, é importante lembrar que não estamos apenas buscando teorias ou conceitos. Estamos falando de vidas, de sonhos e de oportunidades. Cada estudo que surge nesse contexto pode contribuir para que os professores se sintam mais preparados e confiantes em suas práticas, tornando a educação uma experiência transformadora.

Ao nos debruçarmos sobre essas questões, abrimos espaço para um aprendizado que não é apenas intelectual, mas também emocional e humano, essencial para formar cidadãos conscientes e engajados.

REFERÊNCIAS

FRANZ, M.L. V. **O processo de individuação**. In: JUNG, C.G.(org). O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HILLMAN, J. **O livro do Puer: ensaios sobre o arquétipo do Puer Aeternus**. São Paulo: Paulus, 1999.

JUNG, C. G. **O Desenvolvimento da Personalidade**. Petrópolis, Vozes, 1998.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 11. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

JUNG, C.G. **A Natureza da Psique**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SAIANI, C. **Jung e a educação: uma análise da relação professor/aluno**. 3. ed. São Paulo: Escrituras, 2000.